

PALCOS E CIRCOS

"TEATRO BRASILEIRO"

Um dos mais prementes problemas do teatro brasileiro é a formação de uma consciência nacional. Temos núcleos teatrais importantes no Rio, São Paulo, Recife, e outros começam a surgir e a se desenvolver, em Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Natal. Somente quem, como nós, recebe e lê críticas e notícias de outros Estados, pode ter idéia de como vai se alastrando rapidamente o gosto pelo teatro, e pela discussões estéticas relacionadas com o seu desenvolvimento, por todo o País. Mas esse esforço, em geral, é feito isoladamente, sem repercutir, cada cidade ignorando o que se passa nas cidades vizinhas. Falta ao nosso teatro, em outras palavras, comunicação, troca recíproca de opiniões e pontos de vista, dialogo entre as pessoas intrinsecas no mesmo fim.

Essa é, precisamente, a função e objetivo da revista "Teatro Brasileiro", cujo primeiro numero acaba de ser posto á venda. O seu merito inicial está na qualidade de suas criticas, serias e profundas sem serem herméticas, sem se dirigirem a um pequeno grupo de iniciados. "Teatro Brasileiro", neste ponto, não poderia ter sido mais feliz: descobriu um excelente critico em João Bethencourt, o encenador de "Nossa Cidade" e teve a sabedoria de fazer voltar Sabão Magaldi á atividade, recuperando, por assim dizer, um elemento imprescindível á nossa critica. "Teatro Brasileiro" publica ainda notas sobre o teatro de Paris e Nova York, assinadas por Paulo Mendonça e Augusto Boal, sempre dentro do mesmo criterio de informações objetivas, de inteligencia sem pedantismo. Quanto á parte de noticiario, é de se esperar que aumente nos proximos numeros, apresentando um panorama realmente completo de tudo que ocorre no País e no estrangeiro.

"Teatro Brasileiro" pretende publicar em cada numero uma peça completa. "Antigone", de Sofocles, na versão de Guilherme de Almeida, foi a primeira a ser escolhida, numa iniciativa de grande alcance cultural dada a carencia de textos classicos teatrais em lingua portuguesa. A "transcrição" de Guilherme de Almeida — assim ele a classifica — ganha com a releitura, comparando-se apenas á tradução de "Maria Stuart", publicada recentemente por Manuel Bandeira. É curioso notar que a carreira de ambos os poetas apresentam certas similaridades tendo vivido intensamente a experiencia poetica moderna, exprimindo o gosto estetico mais atual, todos os dois fizeram a sua aprendizagem, entretanto, na metrica classica, dominando com igual perfeição os ritmos regulares e os irregulares. Além disso, ambos são grandes artezaes da lingua: no sentido restrito, de conhecimento gramatical, e também no sentido amplo e artistico, de identificação profunda com o espirito da lingua portuguesa. São capazes, inclusive, dessa suprema forma de maestria vocabular e sintatica que é o "pastiche", de escrever versos no estilo do seculo que se deseja. Quer isto dizer que as duas traduções são obras perfeitas de artesanato, mas de

mais solidas — e não há nenhuma razão para supor que a folografia escape a esta lei estetica geral.

"Teatro Brasileiro" é apresentado e dirigido por Alfredo Mesquita, a quem já deviamos a fundação do primeiro grupo amador paulista, germe de todos os outros (como do nosso proprio teatro profissional) e a criação da Escola de Arte Dramatica.

blica ainda notas sobre o teatro de Paris e Nova York assinadas por Paulo Mendonça e Augusto Boal, sempre dentro do mesmo criterio de informações objetivas, de intelligencia sem pedantismo. Quanto á parte de noticiario, é de se esperar que aumente nos proximos numeros, apresentando um panorama realmente completo de tudo que ocorre no País e no estrangeiro.

"Teatro Brasileiro" pretende publicar em cada numero uma peça completa. "Antigone", de Sofocles, na versão de Guilherme de Almeida, foi a primeira a ser escolhida, numa iniciativa de grande alcance cultural dada a carencia de textos classicos teatraes em lingua portuguesa. A "transcrição" de Guilherme de Almeida — assim ele a classifica — ganha com a releitura, comparando-se apenas á tradução de "Maria Stuart", publicada recentemente por Manuel Bandeira. É curioso notar que a carreira de ambos os poetas apresentam certas similaridades tendo vivido intensamente a experiencia poetica moderna, exprimindo o gosto estetico mais atual, todos os dois fizeram a sua aprendizagem, entretanto, na metrica classica, dominando com igual perfeição os ritmos regulares e os irregulares. Além disso, ambos são grandes artezãos da lingua: no sentido restrito, de conhecimento gramatical, e também no sentido amplo e artistico, de identificação profunda com o espirito da lingua portuguesa. São capazes, inclusive, dessa suprema forma de maestria vocabular e sintatica que é o "pastiche", de escrever versos no estilo do seculo que se desejar. Quer isto dizer que as duas traduções são obras perfeitas de artesanato, mas de um artesanato vivificado por um alto senso poetico. Está claro, todavia, que tais semelhanças são ex-citantes e circunstanciais porque cada poeta conserva a sua personalidade: Manuel Bandeira parece-nos antes classico, pela sintaxe, pelo vocabulario, por um certo requinte na simplicidade, ao passo que Guilherme de Almeida empresta ao verso grego uma eloquencia, uma amplitude sonora, sempre de gosto impeccable, em que não podemos deixar de reconhecer a lição poetica do parnasianismo brasileiro.

Sob o aspecto grafico, "Teatro Brasileiro" evidencia o mesmo cuidado, o mesmo meticuloso "planejamento", apresentando-se cheio de soluções originaes e felizes. Uma unica critica fariamos: parece-nos que a preocupação estetica e estetizante afirma-se, ás vezes, á custa do conteúdo especificamente teatral. Assim acontece, por exemplo, com as fotografias que acompanham o texto de "Antigone". De Paulo Autran, só vemos praticamente os olhos. De Nidia Nicia, o perfil, esboçado em branco e preto. De Ziembinski, a mão levantada e a mancha de sombra que se projeta sobre o rosto. As três fotografias tem valor artistico proprio mas pouco dizem sobre o que foi a interpretação, nada revelando sobre o espetáculo. Desse ponto de vista, as fotografias, mais convencionais, de "Esperando Godot" tem outro valor expressivo, recriando uma imagem, complementar ao texto de critica, do que é a peça e de quais foram as linhas mestras da encenação. Ora é este ponto que interessa aos leitores de uma revista de teatro — e não de fotografia, nem de artes graficas. Parece-nos indispensavel a visão de conjunto, as fotografias que mostram o palco, o cenário, apanhando os atores em movimento, em plena ação dramatica. Com o risco de invadir terreno que não é nosso, arriscariamos ainda mais, afirmando que, mesmo com pura arte fotografica, o "truque", o achado, tem valor muito limitado: sabemos isto em relação ao teatro, em que as direções engenhosas, brilhantes, raramente são as